



“POESIA NA MÃO”: UM PROJETO DE LEITURA PARA TORNAR O DIA A DIA MAIS LÍRICO

TÍTULO DO ARTIGO EM INGLÊS “POESIA NA MÃO”: READING PROJECT TO BECAME ROYAL DAY IN POETRY

Caroline Valada Becker¹ (CAp UFRGS)
Karine Storck² (CAp UFRGS)

RESUMO

Na contemporaneidade, tornou-se lugar comum mencionarmos a interdisciplinaridade como princípio positivo e objetivo a ser alcançado na instituição escola e, apesar das dificuldades, no Colégio de Aplicação da UFRGS, o encontro dos componentes curriculares Artes Visuais e Língua Portuguesa e Literatura tornou-se prosaico. Uma dessas uniões originou o projeto “Poesia na Mão”, o qual insere, no cotidiano da sala de aula, a poesia. Para tanto, os alunos e as alunas foram convidados a literalmente construir seus cadernos de poesia; em aulas compartilhadas, o projeto foi apresentado e a costura dos cadernos realizada. O ato de selecionar papéis, cortar, recortar, organizar, furar e costurar, compondo um objeto-caderno, exige muitas habilidades e dialoga com a composição de livros de artista. Após a costura, eventos de letramento literário aconteceram: o objeto-caderno transformou-se em objeto-caderno-livro, pois nele foram inseridos, aula após aula, poemas retirados de uma caixa de poesia. Todo esse processo permite à construção lírica figurar como uma presença prosaica e, ao mesmo tempo, promove rituais de leitura – o ato de abrir a caixa, sortear um poema, inseri-lo no caderno, lê-lo para turma (uma das circunstâncias em que ocorre a socialização do ato de ler). Neste artigo, apresentamos os pressupostos teóricos que subsidiam a construção desse projeto de leitura interdisciplinar, dando ênfase ao letramento literário e à pedagogia de projetos, defendendo ações pedagógicas cujo objetivo é a formação de leitores literários.

Palavras-chave: Poesia. Formação de leitores. Projeto de Leitura.

ABSTRACT

In contemporaneity, it has become commonplace to mention interdisciplinarity as positive principle and objective to be reached in the school institution and, besides the difficulties, at Colégio de Aplicação da UFRGS, the encounter between Visual Arts and Portuguese and Brazilian Language and Literature became prosaic. One of those conjunctions originated the project “Poesia na Mão”, that introduces, in the classroom everyday, the poetry. To that, the students were invited to literally build their own poetry notebooks; in shared classes, the project was presented and the notebooks’ sewing performed. The act of selecting paper, cutting, organizing, piercing and sewing up, composing a notebook-object, requires many abilities and dialogues with the artist’s books composition. After the seam, literary literacy workshops took place: the notebook-object turned into notebook-book-object, because it was inserted, class after class, poems took from a poetry box. All this process

¹ Caroline Valada Becker é graduada, mestra e doutora em Letras; atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio de Aplicação da UFRGS, instituição na qual desenvolve a pesquisa “O livro é um convite: projetos de leitura e formação de leitores na Educação Básica”. Contato: carol.valada@gmail.com

² Karine Storck é licenciada em Artes Visuais e mestra em Educação; atua como professora de Artes Visuais no Colégio de aplicação da UFRGS e é integrante do ArteVersa - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência / FACED/UFRGS. Contato: karinestorck@gmail.com



enable the lyrical construction to act like a prosaic entity and, at the same time, promotes reading ceremonies - the act of open the box, randomly select a poem, put it into the notebook, read it to the class (one of the circumstances that occurs the socialization of the reading act). In this article, we present the theoretical assumptions that feeds the construction of this interdisciplinary reading project, giving emphasis to the literary literacy and the project pedagogy, advocating for pedagogic actions that the objective is the formation of literary readers.

Keywords: Poetry. Formation of readers. Reading Project.

1 INTRODUÇÃO

A poesia, muitas vezes, apresenta-se enquanto metalinguagem, como lemos neste verso de Manoel de Barros: “O poema é antes de tudo um **inutensílio**” (BARROS, 2016, p.31, grifo nosso³). Se utensílio é definido, no dicionário Houaiss, como “qualquer instrumento de trabalho; ferramenta; objeto criado para ser usado em determinada função”, “inutensílio” é a negação da condição de utensílio, isto é, o oposto de instrumento ou ferramenta, a expressão da ausência de função, aproximando-se da inutilidade.

Esse brevíssimo comentário apresenta, de modo implícito e em seus desdobramentos, muitas das especificidades do gênero lírico: primeiramente, a negação da objetividade; enquanto narrativas (contos e romances) apresentam de modo concreto personagens e fatos (ações que compõem o enredo), a poesia – devido ao uso diferenciado da linguagem – é fluida, evasiva, simbólica. A definição de qualquer gênero literário é um desafio, pois, inevitavelmente, tecemos simplificações; podemos falar de poesia, contudo, devemos questionar “qual poesia?”, escrita e publicada em qual época, recebida por quais leitores? Ainda assim, definições de gênero são molduras que organizam a recepção, orientando os pactos de leitura estabelecidos.

Talvez devido a essa condição de “inutensílio”, muitas vezes, na Educação Básica, a poesia é esquecida. Porque torna-se complexo trabalhar com suas construções de sentido, porque nós, professores e professoras – mediadores e mediadoras de leitura –, vivemos um impasse: não devemos restringir significações, mas, ao mesmo tempo, devemos auxiliar na construção de sentido, verificando marcas textuais para a composição da leitura. É comum, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, a presença da poesia, especialmente quando relacionada à oralidade (cantigas, parlendas etc.); depois, à medida que avançamos na

³ Excerto do poema IX do “Sabiá com trevas”.



escolaridade e chegamos aos anos finais do Ensino Fundamental, mesmo que a música seja prosaica para alunos e alunas, a poesia, muitas vezes, não tem protagonismo.

Pensando nesse cenário desafiador, os componentes curriculares Língua Portuguesa e Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFRGS elaboraram um projeto chamado “Poesia na Mão: caderno para registros poéticos”. Estudantes do sétimo ano⁴ foram convidados e convidadas a criar um objeto-caderno que, na verdade, transformou-se em objeto-caderno-livro⁵, uma verdadeira antologia de poemas.

Para a construção desse projeto, partimos de um objetivo: queríamos a leitura literária como prática constante no sétimo ano. Afinal, acreditamos em uma “educação literária” (Cf. COLOMER, 2007), isto é, em uma instituição escola que apresenta aos estudantes e às estudantes a leitura literária como ponto de partida para debates permanentes sobre a cultura; uma escola que assume a leitura literária (e a arte) como experiência a partir da qual incontáveis desdobramentos são possíveis – estes dependem, é claro, das filiações teóricas dos docentes, por isso, é preciso “despertar em nós, professores de literatura, alguns pressupostos teóricos para mediação do saber literário” (COENGA, 2010, p. 76).

Começaremos, portanto, apresentando posturas teóricas que subsidiam nossa prática; em seguida, explicaremos os paradigmas estruturantes do projeto “Poesia na Mão”⁶. Como vemos na imagem abaixo, a literatura e a arte estão no centro de nossas ações, o que implica elegermos alguns princípios norteadores. Primeiramente, a presença de práticas docentes compartilhadas, traduzidas em salas de aula nas quais docentes atuam em conjunto, de forma interdisciplinar; tentamos promover o letramento literário (em outras palavras, a leitura literária enquanto prática social que efetivamente implique as ações de ler e de escrever⁷);

⁴ Em 2018, atendemos duas turmas de sétimo ano, compondo um grupo de 58 alunos.

⁵ Optamos pela utilização do termo “objeto-caderno-livro” e “objeto-caderno”, sem entrar nas discussões trazidas pelo campo artístico em relação à produção do livro como obra de arte (livro de artista, livro de arte, arte ou livro, entre outras designações possíveis - todas com diferentes peculiaridades).

⁶ Os pressupostos que subsidiam essa a prática docente descrita são os mesmos utilizados para o projeto “Mala Pronta: Livro Livre”, outro projeto de leitura também desenvolvido no sétimo ano do Colégio de Aplicação da UFRGS. Por isso, alguns trechos e reflexões aqui propostos podem ser encontrados no artigo “‘Mala Pronta: Livro Livre’ – Um projeto de leitura que reúne livros e vídeos, literatura e internet”, também publicado nos Anais do evento 7º Seminário Nacional e 1º Seminário Internacional de Língua e Literatura – Teoria e Ensino: vozes, linguagens, contextos..

⁷ O conceito de letramento foi sistematizado divulgado por Magda Soares; segundo a pesquisadora, a alfabetização e o letramento são processos distintos que solicitam práticas docentes distintas; alfabetizar significa adquirir a “tecnologia” do ler e do escrever, enquanto letrar significa inserir o sujeito em práticas sociais de

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

usamos como elemento estruturante (espécie de metodologia) a construção de projetos de leitura cujo desdobramento final é a composição de comunidades de leitores; por fim, prevemos práticas autorais para os alunos e para as alunas, tanto no processo de construção de seus cadernos quanto na elaboração de suas antologias e de poemas por eles e elas escritos.

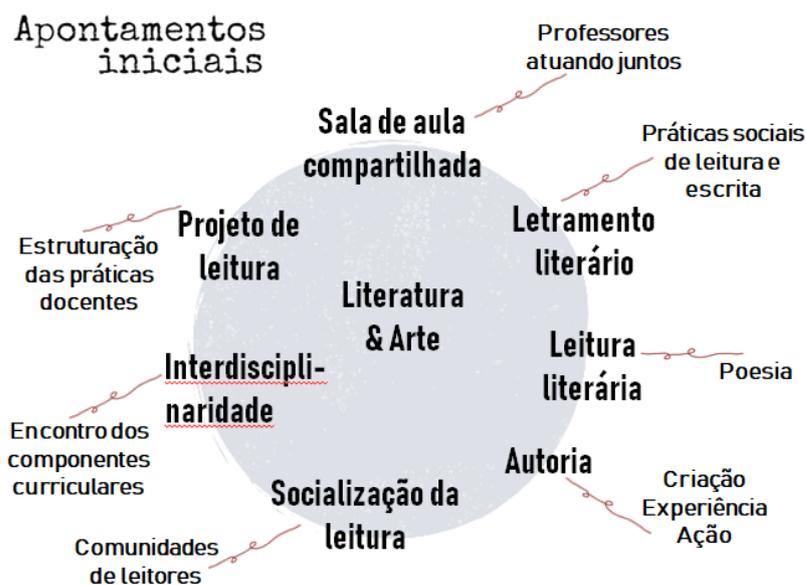


Imagem 1: sistematização dos pressupostos teóricos que subsidiam nossa prática docente.

Os paradigmas apresentados convergem para a composição de um projeto de leitura, isto é, uma organização estruturada, ordenada e encadeada de atividades em que a leitura literária sempre atua como protagonista. Sim, o objetivo é ler, mas *como* realizar essa leitura? Quais etapas organizar? Quais atividades promover? E todas essas ações compõem, então, um projeto que se desenvolve em um tempo mais longo, tentando suscitar o engajamento dos alunos e das alunas; um projeto que nas suas ações explicita os motivos pelos quais as atividades experienciadas estão ali. Toda essa postura docente é proposta por Teresa Colomer e Anna Camps no livro *Ensinar a ler, ensinar a compreender*:

A condição básica e fundamental para um bom ensino de leitura na escola é a de restituir-lhe seu **sentido de prática social e cultural**, de tal maneira que **os alunos entendam sua aprendizagem** como um meio para ampliar suas possibilidades de

leitura e de escrita – “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2017, p. 18).



comunicação, de prazer e de aprendizagem e se envolvam no interesse por compreender a mensagem escrita.

Dar razões para ler, multiplicar e variar as **situações de autêntica leitura** é o principal desafio para uma **renovação educativa** [...].
(COLOMER & CAMPS, 2002, p. 90-2)

O excerto justifica a presença de projetos e demonstra os caminhos pelos quais tentamos trilhar. Em síntese, semanalmente (ou quase com essa periodicidade), alunos e alunas retiram poemas de uma caixa, colam em seus cadernos de poesia e podem lê-los para a turma. Nesse processo aparentemente simples, muitos conceitos teóricos tornam-se concretos; por exemplo, a “prática social e cultural” faz-se presente na construção coletiva da leitura: os estudantes leem os poemas que sorteiam; se algum aluno ou aluna escreve um poema espontaneamente, também pode lê-lo. A presença lúdica da caixa, como veremos em seguida, amplia a comunicação e potencializa a educação literária.

2 DESENVOLVIMENTO: A POESIA, A MÃO, A VOZ.

Ao assumir a metodologia de projetos de leitura, professores e professoras podem compartilhar com alunos e alunas as justificativas das suas propostas; por isso, nós – professoras de Língua Portuguesa e de Artes Visuais – oportunizamos, no dia em que principiamos as atividades, um momento de apresentação do projeto, tornando oficial seu nome – “Poesia na Mão” – e tentando, dessa forma, convidar os alunos e as alunas a participarem das ações. Ainda que as atividades estejam inseridas no planejamento dos componentes curriculares, é essencial transpormos o caráter de escolarização (em especial a dicotomia atividade-avaliação) para, assim, conquistarmos a dimensão de práticas sociais efetivas, ainda que construídas em um espaço específico, a sala de aula.



Imagens 2 e 3: na imagem 1, a arte construída para a identidade visual do projeto; na imagem 2, o registro do momento de apresentação do projeto para as turmas.

A primeira etapa do projeto “Poesia na Mão” dedicou-se à construção dos cadernos, quando formalizamos o convite: “Vamos construir nosso caderno para registros poéticos?”. E justificamos: faremos isso para nos sentirmos como escritores; para voltarmos no tempo e usarmos nossas mãos para construir algo – tanto o objeto caderno quanto os poemas posteriormente; para carregarmos poesia na mão. Para além da obviedade de um objeto-caderno que se transforma em objeto-caderno-livro (quando já com poemas), estava em nosso horizonte teórico e em nosso repertório como professoras a concepção de livro de artista, formato que retornará na finalização das ações do projeto.

Optamos por não principiar com o livro de artista, mas sim com o objeto-caderno, estruturando, dessa forma, um caminho que se complexifica. Em outras palavras, ao invés de explorarmos o conceito de saída, optamos por criar manualmente nossos cadernos. As orientações e pressupostos foram apenas estes: o tamanho e a presença de algumas folhas específicas (coloridas, páginas de revista, papel manteiga).

O objeto caderno deveria caber na mão (afinal, queríamos carregar “Poesia na Mão”); para tanto, rompemos parcialmente com o formato A4 (21 cm x 29,7 cm, tamanho tradicional já tão naturalizado na vida escolar como “a folha padrão/oficial”) ao utilizarmos o formato partido (A5 - tamanho 14,8 cm x 21 cm) e ainda dobrado ao meio (A6 - tamanho 10,5cm x 14,8cm) para a versão final dos objetos-caderno. Dessa forma, dissemos não ao desperdício de materiais, bem como promovemos um formato prático, o que seria essencial, tendo em vista a quantidade de alunos.

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



Imagens 4 e 5: produção dos cadernos em sala de aula.

O objeto-caderno construído por cada aluno e aluna é único, pois trata-se de cadernos sem pauta: tanto na forma quanto no conteúdo, sem linhas e sem determinações formais, com costuras únicas, escolhidas e realizadas pelos próprios estudantes, ainda que houvesse alguns princípios a serem seguidos; sem temática em sua concepção, sem valor anteriormente atribuído, isto é, não se trata de um caderno de algum personagem ou de alguma marca. Todos os cadernos são, ao mesmo tempo, iguais (tamanho) e autorais (escolhas de cada aluno e aluna); livres e controlados, porque estão inseridos em um projeto estruturado, porém cujas atividades preveem o exercício da subjetividade.

Uma vez criados os cadernos, organizamos caixas para guardá-los por turma (a ideia inicial era deixá-los na escola) e fomos ao segundo passo, ao encontro oficial com a poesia. Tentamos organizar esse momento como um ritual, evocando práticas recorrentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental; tentamos recuperar o encantamento do encontro com a leitura literária: para tanto, experienciamos um mergulho no mundo dos livros e, de modo livre, os estudantes puderam registrar versos em seus objetos-caderno.



Imagens 6, 7, 8 e 9: o encontro com os livros, a busca pelo encantamento.



Nesse momento, ao ar livre, em meio aos livros, pela primeira vez, ofertamos a poesia retirada da caixa de poemas – essa prática se repete toda semana. Ficam esclarecidas, dessa forma, as etapas do projeto: construção dos cadernos, encontro com os livros, práticas semanais de leitura de poesia (poemas da caixa). Essas “atividades organizadas em longos projetos de trabalho [dão] sentido às leituras escolares, enquanto criam expectativas sobre o **modo de ler** ou o grau de profundidade requerido” (COLOMER, 2007, p. 110, grifos nossos).

A concepção “modo de ler” torna-se essencial. Ao assumirmos a construção pedagógica de projetos, é imprescindível orientarmos a leitura realizada pelos alunos; isso significa que devemos esclarecer o passo a passo, bem como os objetivos a serem atingidos em cada etapa e, em especial, o que buscamos com cada leitura literária, pois, assim, estabelecemos com mais naturalidade e tranquilidade o pacto de leitura. Ao definir objetivos, podemos, também, determinar com mais clareza práticas de mediação de leitura, ou seja, ações para acompanharmos e orientarmos os processos de significação do ato de ler.



Imagens 9, 10 e 11: a caixa de poesia, os cadernos e as caixas para guardar os cadernos.

O “modo de ler” implicado no projeto “Poesia na Mão” é duplo. Promovemos o ato de ler poesia durante as aulas; alunos e alunas retiram poemas da caixa, colam em seus cadernos e leem para a turma; nem sempre analisamos verso a verso, apenas quando alguém solicita, em geral anunciando “Professora, não entendi”. Nessa circunstância, releemos e conversamos detalhadamente. Do contrário, a poesia permanece no caderno e na voz, em alguma medida concretizado os versos de Manoel de Barros: “Poesia não é para compreender mas para incorporar”⁸ (BARROS, 2016, p. 43). Por meio desse projeto, incorporamos no nosso cotidiano os versos, a presença do texto poético, dos poetas e das poetisas. Vemos, lemos, ouvimos e carregamos poesia, ou seja, compartilhamos poesia, e a “leitura compartilhada é a base da formação de leitores” (COLOMER, 2007, p. 106).

⁸ Excerto do poema XV do “Sabiá com trevas”.



A caixa de poemas figura como uma antologia, a qual foi construída pela professora titular de Língua Portuguesa e Literatura. Inevitavelmente, essa seleção elabora um cânone; além disso, cada caderno faz as vezes de uma antologia. O resultado é uma antologia criada a partir de uma antologia construída pela docente responsável. Consciente da importância dessa seleção de poemas, de poetas e de poetisas – porque toda seleção é exclusão, porque antologias carregam atribuição de valor –, eu, professora, inclui tanto autores canonizados (por exemplo, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa) quanto novíssimos escritores (como Rupi Kaur e Ryane Leão). Além disso, na caixa, há a presença de muitas poetisas, bem como de muitas poetisas negras e poetas negros⁹.

2.1 OUTROS MODOS DE LER, OUTRAS MEDIAÇÕES DE LEITURA

Enquanto a prática de leitura dos poemas retirados da caixa se concretizava, outra ação principiava: a leitura de poemas selecionados do livro *50 Poemas de Revolta*, publicação da Companhia das Letras. Trata-se de uma antologia cujo critério de seleção foi temático; estão no livro versos que se revoltam contra algo que está na sociedade, isto é, são poemas cujo eu lírico estabelece relações com o mundo empírico. Vejamos a apresentação do livro, assinada pelos editores:

A poesia é, por si, ato de resistência. Além de não comercial, espécie de antiproduto, antimercadoria, dirigida a um círculo restrito de leitores, é uma reação à automatização da linguagem, do pensamento e dos sentidos. Quando o poeta lança seus dados em resposta às notícias de jornal, a política aparece não apenas como um dos componentes que definem o gênero poético, mas também como temática do poema. Com profundo desejo de transformação, os versos se rebelam contra as mazelas sociais e conquistam alta voltagem de mobilização. É uma poesia engajada, indignada e insubordinada.

Os poemas de denúncia ganharam corpo em situações cruciais da história brasileira. [...] O livro *50 poemas de revolta* reúne 34 poetas brasileiros de diferentes épocas [...]. São poemas que, em tempos sombrios, procuram jogar luz sobre incontáveis modalidades de negligência e opressão que estão na ordem do dia. (vários autores, 2017, p. 10-11)

⁹ Os livros mais consultados foram *Sopapo Poético* e *Cadernos Negros*.



Essa etapa do projeto de leitura tem objetivos bem distintos: desta vez, pretende-se realizar leituras detalhadas, verso a verso, compondo coletivamente sentido(s), sempre buscando chaves de leitura que se relacionam com o critério de organização da obra – poemas que se “rebelam contra mazelas sociais”. Por isso, nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, depois de conhecermos o livro e os conceitos de antologia e coletânea (associando-os, é claro, a caixa de poemas que já circula em sala de aula) e depois de estudarmos o prefácio dos editores, organizamos apresentações semanais de poemas (novamente, fui responsável pela seleção e usei como critério o nível de dificuldade de leitura, tendo em vista que se trata de uma turma de sétimo ano). Todos alunos e alunas deveriam ler os doze poemas¹⁰ selecionados para as apresentações ao longo do trimestre, porém, a cada aula, duplas e trios ficaram responsáveis por declamar e propor a análise.



Imagens 12, 13 e 14: o painel montado na sala de aula, unindo poemas e outras expressões artísticas- lambes e cartazes –, propondo, dessa forma, reflexões sobre arte engajada.

Após a leitura, após a análise coletiva em aula, todos os alunos são convidados a escrever (e este é um instrumento de avaliação semanal): para cada poema, eles devem escrever uma análise cujo objetivo é explicar contra o que o poema se revolta. Este é o enunciado da atividade: “Uma vez que o critério de seleção utilizado pelos editores do livro 50 poemas de revolta foi a temática (isto é, o assunto) da revolta contra as mazelas sociais (os

¹⁰ Os poemas trabalhados foram estes: “Descobrimento”, de Mário de Andrade; “porto alegre, 2016”, de Angélica Freitas; “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo; “Subversiva”, de Ferreira Gullar; “Quem fala”, de Francisco Alvim; “Balada a favor das últimas manifestações”, de Fabrício Corsaletti; “Mês de Maio”, de Jorge de Lima; “Não há vagas”, de Ferreira Gullar; “A rosa de Hiroxima”, de Vinicius de Moraes; “Acontecimento”, de Francisco Alvim; “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai”, de João Cabral de Melo Neto; “Reflexo condicionado”, de Casaco.



problemas da sociedade), leia o poema e analise-o, trazendo, na sua resposta, trechos (versos completos ou palavras) para explicar isto: o poema lido revolta-se contra o quê? (mínimo 5 linhas; caneta azul ou preta)”. Além dessa escrita formal, no objeto-caderno, é preciso tecer algum comentário, copiar um verso ou, simplesmente, informar o nome do poema trabalhado naquela aula.

O projeto “Poesia na Mão”, portanto, reúne momentos de fruição lúdicos e espontâneos, que tentam promover rituais de encontro com a poesia, com momentos de análise estruturada da construção poética, observando forma e conteúdo e organizando tais reflexões em textos formais. Acreditamos que, dessa forma, promovemos processos distintos capazes de estabelecer o letramento literário. Para cada uma dessas atividades, cujos perfis são distintos, teremos respostas diferentes para estes questionamentos (os quais são essenciais para uma prática reflexiva): enquanto professor, o que pretendo proporcionar aos alunos?; quais conceitos literários estão envolvidos?; que tipo de produção os alunos serão convidados a elaborar?

Enquanto a caixa de poemas presentifica a poesia, tornando-a algo do cotidiano, possibilitando a familiaridade dos jovens com versos e estrofes, a leitura e o estudo detalhado dos poemas retirados do livro *50 Poemas de Revolta* permite à professora-mediadora apresentar, a cada aula, conceitos, estruturando, assim, definições essenciais, tais como eu lírico, verso, estrofe, autor empírico, contexto, materialidade textual, referencialidade¹¹.

Por meio das apresentações e reflexões coletivas, colocamos em prática as quatro etapas propostas por Teresa Colomer no livro *Andar entre Livros* (Cf. COLOMER, 2007): ler (o texto como guia, o tempo para a leitura); compartilhar (a discussão em sala de aula); expandir (ler com diferentes propósitos); e, por fim, interpretar (adquirir competências e conhecimentos, o que é garantido pela ação da professora mediadora). Nesse processo de mediação de leitura, também estão presentes as etapas propostas por Rildo Cosson (Cf. COSSON, 2010) no seu livro *Letramento Literário*¹²: a) motivação (o ato de antecipar o que será lido, em projetos estruturados, torna-se prática natural, uma vez que se explica o projeto); b) introdução (trata-se de localizar autor e obra, mas, para alunos de sétimo ano, essa não é

¹¹ As nomenclaturas, muitas vezes, são adaptadas ou não utilizadas, sempre observando o público-alvo, alunos e alunas de sétimo ano.

¹² As etapas propostas por Rildo Cosson e Teresa Colomer são semelhantes e até mesmo se complementam.



uma preocupação); c) leitura (decodificar a obra); d) primeira interpretação (livre leitura, trata-se do momento em que os alunos apresentam o poema); e) contextualização (trata-se do momento em que informações são mobilizadas, trata-se das nossas intervenções em sala de aula); f) segunda interpretação (trata-se do ato de somar saberes, isto é, as observações dos alunos, as informações da professora, a construção coletiva); g) expansão (esse é o momento de estabelecer relações com outros textos – outros poemas lidos, por exemplo).

Abaixo, organizamos uma tabela que compara os objetivos e parâmetros de cada proposta apresentada:

Leitura dos poemas da caixa de poesia	Leitura dos poemas do livro <i>50 Poemas de Revolta</i>
Leitura livre-fruição	Leitura orientada
Antologia (seleção da professora)	Antologia (livro organizado)
Tempo de leitura em sala de aula	Tempo de leitura em casa e em aula
Trajetória pessoal	Trajetória coletiva
Reflexões e compartilhamento espontâneos	Reflexão orientada e compartilhamento obrigatório
Presença da poesia no cotidiano escolar	Presença da poesia no cotidiano escolar
Produção poética espontânea e orientada	Produção reflexiva orientada

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOSSOS E NOVOS HORIZONTE.

Para Teresa Colomer, “Possivelmente uma das causas da resistência à leitura provenha da perda das formas de leitura coletiva nas sociedades contemporâneas” (COLOMER, 2007, p. 143), por isso, o projeto “Poesia na Mão” preocupa-se com momentos de compartilhamento das leituras realizadas; ao dedicar tempo de sala de aula para retirar poemas da caixa, para apresentar poesia, para conversar sobre os versos lidos, pretendemos construir comunidades de leitores, ou seja, sujeitos sociais em um tempo e espaço compartilhado que, nas suas conversas e atividades, têm como personagem a literatura – especificamente, a poesia. Desejamos, por meio de nossas práticas pedagógicas, tornar a poesia uma presença, algo tão simples e natural para os jovens quanto jogos de vídeo game, quanto fotografias em redes sociais, que, se por um lado são “inutilidades”, por outro compõem o nosso dia a dia, a nossa forma de ver, interpretar e agir no mundo.



Imagens de 16 a 20: alunas compartilhando suas experiências de leitura em redes sociais.

Como uma das atividades de fechamento do projeto, pretendemos retomar as ideias de objeto-caderno e livro-objeto-caderno, para então explorar, como diz Silveira, as “definições e indefinições” do “livro de artista”, entendendo-o como a designação de “um grande campo artístico (ou categoria) no sentido lato, que também poderia ser chamado de livro-arte ou outro nome” (SILVEIRA, 2008, p.25). O propósito deste exercício é trazer a reflexão acerca da criação de um livro de artista, desprendendo-se ou não da forma tradicional de livro, exercitando novas formas de leitura e interpretação, compreendendo o autor ou artista não meramente como escritor ou o ilustrador da obra e, principalmente, aproximando-se desse inutensílio a fim de esboçar e ensaiar compreensões para a "utilidade do inútil", percebendo que são esses saberes inúteis que tornam a humanidade mais humana¹³.

A partir do olhar e da discussão acerca dos livros-objetos-cadernos produzidos/constituídos durante o projeto, ampliaremos a discussão com a curadoria e apresentação de alguns livros de artista, ampliando o olhar, potencializando novas leituras e outros entendimentos destes objetos artísticos.

¹³ Ver mais em: ORDINE, Nuccio. A utilidade do inútil: um manifesto. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.



Imagens de 21 a 23: Exemplos de livros que serão apresentados aos estudantes. Livro de Carne (1978-79) de Artur Barrio (esquerda); Poemobiles (1966), de Augusto de Campos e Júlio Plaza (centro); e Escala de cor das coisas (2009), de Letícia Lampert (direita).

Com os exemplos acima apresentados, são evidenciadas as diversas possibilidades de materialização do objeto livro, os temas em questão, os contextos de criação e a presença do cotidiano como elemento dessas criações - essa última relação (arte e cotidiano) -, tal como o que buscamos com o projeto “Poesia na mão”: que a leitura literária, a arte e a poesia façam parte do cotidiano dos estudantes e da escola, assim como de nossa docência.

Ainda como atividades de desdobramento do projeto, planejam-se a criação de cangas/panos poéticos (para as saídas de sala de aula), tecidos com inserções das poesias escolhidas ou criadas e possível intercâmbio ou troca de objetos poéticos com outras turmas ou escolas que também tem estudado e se interessado pela questão, valorizando as produções dos estudantes, colocando-as no lugar de produção de conhecimento e como parte da formação humana, diferentemente de mero acessório ou passatempo de um currículo com outras disciplinas consideradas “mais sérias” ou “mais úteis”.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

CAMPS, Anna e COLOMER, Teresa. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007. COMPAGNON,

COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2010.



COENGA, Rosemar. *Leitura e letramento literário: diálogos*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2010.

SILVEIRA, Paulo. Definições e indefinições do livro de artista. In: *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 25-71. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2pwn4/pdf/silveira-9788538603900-03.pdf> Acesso em: 13 de novembro de 2018.